

NUNO NEPOMUCENO

A ÚLTIMA CEIA

*O golpe perfeito.
Dois amantes.
Uma obra de arte.*


cultura

A
ÚLTIMA CEIA

*O golpe perfeito.
Dois amantes.
Uma obra de arte.*

Uma jovem mulher envolve-se com um ladrão de arte milionário. Mas quando é abordada por um antigo professor, Sofia vê-se inesperadamente colocada perante um dilema. Deverá denunciar o homem com quem vai casar-se, ou aceitar ser cúmplice no mais ousado roubo de arte de sempre?

NUNO NEPOMUCENO

A ÚLTIMA CEIA

O GOLPE PERFEITO. DOIS AMANTES.

UMA OBRA DE ARTE.





uma marca



info@culturaeditora.pt | www.culturaeditora.pt

—

© Nuno Nepomuceno e Cultura Editora

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título: *A Última Ceia – O Golpe Perfeito. Dois Amantes. Uma Obra de Arte.*

Autor: Nuno Nepomuceno

Revisão: Paula Caetano

Paginação: Manuel Fonseca

Capa: Vera Braga

Imagens de capa: © Shutterstock

Fotografias do autor por Anna McCarthy. © Anna McCarthy e Nuno Nepomuceno

ISBN: 978-989-8886-38-5

1.ª edição: janeiro de 2019

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal:

PA: gr

Formato: 15x23 cm

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, fotográfico, gravação ou outros, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, sem prévia autorização por escrito do Editor.

«Os maus artistas copiam. Os bons roubam.»
Pablo Picasso

A Última Ceia é uma obra de ficção inspirada em acontecimentos verídicos. Contudo, as personagens que nela aparecem foram criadas pelo autor. As respetivas ações e opiniões são fruto do uso livre da sua imaginação e não devem ser confundidas com a realidade.

Ponte Capriasca, Distrito de Lugano,
Alpes Suíços

O incidente ocorreu a meio da noite. A escuridão há muito que abraçara a vila, deslizando suavemente do cume das montanhas, tingindo-a com pinceladas lúgubres, como um quadro soturno. Uma chuva ténue caía amiúde, humedecendo as ruas e os telhados. Eram as derradeiras carícias antes da chegada do mal, um último adeus pleno de ternura de uma mãe que se despedia de um filho a quem fora vaticinado o infortúnio de ir combater para a guerra.

E foi então que aconteceu. O som.

A *signora* Benedetta estremeceu e sentou-se na cama. O coração corria em sobressalto, aprisionado no peito, algo que ela não compreendeu. Sonhava o mais belo dos sonhos. Um campo amplo estendia-se até ao horizonte. Um manto cor de índigo rodeava-a. As coroas azuis resplandeciam, luminosas, sob o Sol ardente. Eram flores da paixão, as suas preferidas.

Jacopo, o marido, acordou, abanado pelas mãos trémulas da mulher. Estremunhado, voltou-se. O rosto preocupado de Benedetta fitava-o, colado ao seu, emoldurado pelo cabelo grisalho em desalinho.

— *Cosa sta succedendo?*

— *Il telefono!*

Era esse o motivo de tamanha comoção. A campainha do telefone tocava sem parar como um fantasma imóvel no meio do quarto queurgia por atenção.

Jacopo lançou um dos braços ao aparelho e atendeu-o atabalhoadamente. A voz de uma mulher respondeu-lhe. Tratava-se de uma gravação. O homem coçou a cabeça, ensonado, procurando tirar algum sentido das palavras que ouvia. Despertou imediatamente.

O sistema de alarme fora acionado.

A Igreja de Santo Ambrósio estava a arder.

Jacopo cofiou o bigode e fitou os sinos que via ao longe. Uma luz fraca, oriunda dos candeeiros da rua, iluminava debilmente a torre da igreja, refletindo-se na parede de tijolo castanho. Não se ouvia barulho; não se via fumo. A vila era ocupada por um silêncio fúnebre, somente quebrado pelo som dos passos do homem ao longo da calçada molhada.

O homem contornou o pequeno edifício com desconfiança, tentando aperceber-se de alguns sinais de alerta. Puxou do molho de chaves e dirigiu-se à porta. Ele e Benedetta há muito que eram os guardiões da capela. Tementes a Deus, aquela era a sua forma de O servirem. Zelavam por ela, abriam-na aos turistas. Ao contrário da cosmopolita Lugano, Ponte Capriasca pouco ou nada tinha para oferecer.

Porém, não poderia dizer-se que era insignificante. A vila tinha um grande e muito bem escondido ponto de interesse. E esse estava no interior daquela igreja.

Jacopo fechou a porta atrás de si e benzeu-se perante a imagem do Senhor. De braços abertos, pintado a óleo sobre tela, a ocupar uma parede inteira, Jesus estendia os braços para si, graciosamente iluminado, rodeado pelos apóstolos, que reagiam ao anúncio da traição. *A Última Ceia*.

O homem fletiu um dos joelhos, benzeu-se respeitosamente e avançou até ao altar. A sirene do alarme tocava bem alto, incomodando-o. Latejava com fervor, fazendo-lhe doer a cabeça. Mas não havia qualquer sinal de fogo. A igreja era a imagem da quietude, tal como a representação sacra que albergava.

Jacopo dirigiu-se à sacristia e introduziu o código na central. O besouro calou-se momentaneamente e voltou a troar instantes

depois pelos seus ouvidos adentro. Estava avariado. Levado por um impropério, resmungou em italiano e desligou-o de vez. Agora, já não incomodaria mais ninguém.

O homem voltou a benzer-se ao passar perante o quadro e fechou a porta. A chuva intensificara-se ligeiramente e a rua acolheu-o ainda mais cálida e asfixiante do que antes. Começou a caminhar devagar ao longo da calçada. Vivia a poucos metros dali e em breve poderia reunir-se a Benedetta. A noite ainda ia a meio.

Um restolhar ligeiro fê-lo sobressaltar-se. Sozinho, estacou. Riu-se de si próprio ao ver surgir do meio de uns arbustos altos um gato. Deixou-o passar devagar à sua frente. Tinha pelo preto, dourado e branco, fazendo lembrar um tigre.

Jacopo deu meia dúzia de passos até que se apercebeu de um novo barulho. Uma carrinha aproximou-se da igreja e estacionou. Imóvel no meio da rua, respirou de alívio ao ler a inscrição numa das laterais do furgão. Dizia *Polizia*.

Dois homens vestidos com fardas azuis e pretas, de boné na cabeça, saltaram para a calçada e aproximaram-se. Ele cumprimentou-os com alegria. Apesar do falso alarme, era sempre bom saber que as autoridades se preocupavam. O sentimento durou pouco, contudo.

Assim que fitou os olhos dos dois agentes, percebeu rapidamente que não tinham vindo ali fazer boa coisa. Logo a seguir, sentiu um pico de tensão. Acabara de lembrar-se de que o sistema de proteção contra intrusão e incêndios da Igreja de Santo Ambrósio não estava ligado à Polícia.

Benedetta acariciou as flores, apaixonada pela sua beleza. Adorava-as. Um aroma fresco soltava-se dos filamentos e envolvia-a, deixando-a quase em êxtase. Não havia nada mais perfeito.

A mulher susteve a respiração ao ver que algo se alterara. As coroas murchavam, transformando-se numa paisagem triste. Lançou as mãos, tentando agarrá-las, mas sem sucesso. As pétalas finas escapavam por entre os seus dedos como o feno de uma seara seca.

De repente, mudaram de cor. Ficaram pretas.

A mulher soltou um grito de agonia ao ver-se rodeada pela morte. Mas nada poderia prepará-la para o que estava por

acontecer. Benedetta viu as flores metastizarem-se novamente. Estavam vermelhas.

Como o sangue.

Um grito angustiado ecoou pelo quarto. Sentada na cama, ofegante, o coração aos pulos, Benedetta tateou urgentemente a cama. Sentia-se desesperada. Jacopo não regressara. Algo de mau acontecera.

A mulher pegou num casaco velho e colocou-o pelas costas. Munida dos chinelos, benzeu-se três vezes ao passar pela imagem da *Madunina* e finalmente saiu de casa. Estava sozinha. A calçada húmida dificultava-lhe o andar e uma temperatura morna fundia-se com o aroma das glícínias em flor, fazendo-a sentir-se enjoada.

Ao subir a rua em direção à igreja, ouviu o som de portas a bater. Observada com indiferença pela torre do edifício sagrado, uma carrinha arrancava mais à frente, desaparecendo na escuridão.

A mulher acelerou o passo, intrigada, em busca do marido. Olhou em redor e foi então que percebeu que a porta da capela estava aberta. Desorientada, resolveu entrar.

Benedetta foi invadida pela estranheza assim que chegou ao interior do santuário. Uma cena que não conseguiu compreender imediatamente estava pintada perante os seus olhos.

Encontrou Jacopo sentado num dos bancos, de lado para o altar. Tinha as mãos atadas, o rosto ligeiramente ferido, o bigode ranhoso e os olhos a transbordarem de infelicidade.

Bem à frente do homem, na grande parede lateral, via-se uma moldura vazia.

A mulher sentiu-se desfalecer ao compreender finalmente o que acontecera.

— *Il Cenacolo!* — gritou ela, horrorizada.

Um crime hediondo acabara de ser cometido. A beleza fora corrompida.

Alguém roubara *A Última Ceia*.

Palácio Clerici, Christie's, Milão, Itália

Dois Dias Depois do Assalto à Igreja de Santo Ambrósio

As pernas bem torneadas e longas de Catherine Waterhouse atravessaram o pátio empedrado do palácio, perseguidas pelo martelar dos próprios sapatos altos sobre o piso do jardim interior. Um burburinho reverente vinha logo atrás. Vestidos de fato e gravata, o séquito de jovens assistentes pessoais e demais secretários abandonou as arcadas, passou as laranjeiras em vaso e foi atrás dela com os telemóveis e as agendas eletrônicas bem presos contra o peito, como se fossem obras de arte preciosas.

A curadora chegou ao interior das instalações da Christie's em Milão e uma colega fez-lhe sinal na direção de uma sala. O ruído animado que se avizinhava através da porta entreaberta aumentou, tornando-se praticamente ensurdecedor, enquanto ela e o cortejo que a acompanhava entraram.

Catherine avançou, compôs o saia-casaco bege que vestia e apoiou as mãos sobre o suporte da tribuna. Olhou em frente. Estava perante uma audiência matizada, um grupo desconexo de jornalistas, desde jovens estagiários imberbes de ar desleixado cujo editor lhes concedera «a honra» de cobrirem a secção cultural, até a um ou outro sujeito mais velho com uma barba de três dias, uma caneta e um ar sedutor.

Detestava Itália. Aterrara há pouco mais de uma hora no aeroporto de Malpensa e já ansiava pelo momento em que pudesse regressar a Londres. Eram as temperaturas quentes, a desorganização

latina, as gargalhadas constantes, os homens atiradiços e a exuberância gastronómica. Catherine odiava *pasta*. Aliás, ela era a antítese da *pasta*. Considerava-se uma mulher elegante, delicada, uma estudiosa devota da verdadeira arte. Para si, não existia nada mais agradável do que um singelo chá e torradas.

Os jornalistas sossegaram e observaram a mulher que estava diante deles. A Christie's, uma das maiores leiloeiras do mundo, enviara a Itália a sua principal curadora. A imagem condizia com os rumores que a perseguiam. Com um cabelo louro quase branco, uns olhos azuis frios e uma pele inacreditavelmente imaculada para uma mulher com mais de quarenta anos, tinha fama de ser metódica e implacável. Esperava-se uma declaração curta, incisiva, acutilante.

— Ontem à noite, dois homens disfarçados de polícias entraram na Abadia de Tongerlo, perto de Antuérpia, na Bélgica, e roubaram uma cópia de *A Última Ceia*, óleo sobre tela, atribuída a Andrea Solari. O mesmo aconteceu há dois dias com a versão atribuída a Cesare da SESCO, um pouco a norte da fronteira italiana com a Suíça, na Igreja de Santo Ambrósio, na pequena vila de Ponte Capriasca. Em ambas ocasiões, os ladrões utilizaram o sistema de alarme anti-incêndio para criar uma manobra de diversão.

A plateia não reagiu com a estupefação esperada. Um ou outro jornalista tomou nota do caso. Catherine engoliu em seco e os olhos afundaram-se ainda mais no rosto anguloso. Ninguém queria saber. Se tivesse chegado ali e relatado um episódio repleto de sangue, que envolvesse alguém a monte ou um pedófilo, todos lhe dariam atenção. Agora, arte? Quem é que se importava?

— O roubo foi um ato de pura violência. Um homicídio, uma morte.

A voz seca e cortante da mulher ribombou pela sala de imprensa das instalações da Christie's. Um dos jovens assistentes saiu da penumbra e estendeu-lhe um papel. Catherine dedicou-lhe um olhar gelado e dispensou-o com um gesto de mão. Sabia perfeitamente o que tinha a dizer.

— Os ladrões cortaram os dois quadros diretamente dos esticadores, libertando-os das molduras, deixando no chão lascas de tinta e tela. Tememos profundamente pela integridade de ambas as obras.

A curadora fez uma pequena pausa e avaliou o efeito das suas palavras sobre os jornalistas. Finalmente conseguiu cativar-lhes a atenção. Prosseguiu.

— A Christie's oferece um milhão de libras como recompensa a quem puder fornecer informações que conduzam as autoridades à descoberta do paradeiro dos quadros. Iremos também instalar uma linha de atendimento telefónico que funcionará ininterruptamente, além de uma página na *internet* e um endereço de correio eletrónico exclusivamente dedicados à recolha de pistas. Consideramos ser nosso dever ajudar.

A audiência pareceu momentaneamente confusa. Era uma quantidade muito exagerada para oferecer em troca de duas simples cópias. Havia algo escondido naquela história.

— A terceira cópia está a salvo?

Catherine localizou a origem da voz. Vinha do tal jornalista mais velho, provavelmente o mais experiente e bem preparado de todos os que estavam presentes. A curadora pestanejou rapidamente, o único sinal de nervosismo que demonstrou na breve conferência de imprensa. A voz também não soou tão segura quanto desejara.

— A Academia Real das Artes de Londres está confiante que sim.

— Vão avançar com a exposição? — pressionou-a o seu interlocutor. — Tenho a impressão de que mandaram vir a cópia do Giampietrino diretamente de Oxford para servir de cabeça de cartaz na reinauguração que estão a preparar para daqui a um ano.

— Claro que sim.

Catherine tentou soltar um risinho cínico, como se achasse a pergunta ridícula. O semblante esfíngico era uma encenação. Sentia-se a tremer, como uma menina deixada sozinha na escola no primeiro dia de aulas. Grata, desviou ligeiramente o rosto na direção de uma jovem que fez uma nova pergunta.

— Qual é o valor real das cópias roubadas?

— Pouco. São cópias.

A curadora respirou de alívio, percebendo que não havia motivos para prolongar o anúncio. A mensagem principal fora passada. Restava-lhe rezar pelo melhor.

A voz da jovem sobrepôs-se ao burburinho dos colegas que se levantavam.

— E o valor religioso? — perguntou ela.

Catherine pestanejou longamente na direção da rapariga. Os outros jornalistas pararam igualmente.

— Imenso.

A resposta não escondeu a sua irritação. Imediatamente antes de fazer uma última declaração, ela acrescentou:

— O montante anunciado será pago, garanto-vos. Sem perguntas.

St. Pancras, Estação Ferroviária Internacional,
Londres, Reino Unido

Um Mês Depois do Assalto
à Igreja de Santo Ambrósio

Sentado bem no centro do terminal da estação de comboios, Arthur Miller verificou outra vez se o nariz estava no lugar. Era uma das coisas que o cancro lhe roubara, além de um rim e de parte do estômago, mas com 70 anos pouco se importava. Sentia-se agradecido por continuar a viver. Apenas detestava quando perdia coisas.

O idoso ajeitou a prótese, pousou o chapéu de coco e compôs o laço que usava ao pescoço. De costas muito direitas, vestido com um clássico fato completo cinzento-escuro, abriu o jornal. A notícia era secundária, longe das parangonas da primeira página, mas ainda assim merecedora de algum destaque, um sinal de que o anúncio feito há um mês em Milão surtira o efeito desejado.

O roubo das cópias de *A Última Ceia* caíra em saco roto, mais um buraco negro no sempre bicudo mundo da arte. Espalhadas por dois países diferentes, as duas representações a óleo sobre tela da obra-prima de Da Vinci ameaçavam ficar permanentemente perdidas. Até à data, nenhum Estado ou governo se oferecera para salvá-las. Qualquer cidadão iria achar o investimento um autêntico desperdício de fundos públicos.

O Departamento de Proteção ao Património Cultural dos *Carabinieri*, a unidade que a Polícia italiana criara depois do roubo

de *Natividade com São Francisco e São Lourenço*, de Caravaggio, para combater o furto de arte, ainda afirmou estar em cima do assunto, apesar de ser um problema que caía fora da sua jurisdição. Mas foi a intervenção da Christie's que fez virar o jogo.

Num gesto inteligente de relações públicas, como um consórcio de tabaqueiras a financiar uma ala hospitalar de combate ao cancro, a Sotheby's juntara-se à casa rival e, juntas, as duas leiloeiras ofereceram-se para pagar o dobro da recompensa inicial, dois milhões de libras no total, a quem decidisse entregar os quadros ou contribuisse para a descoberta do seu paradeiro.

Havia somente algo que intrigava Arthur. O velho investigador de seguros conhecia bem Catherine Waterhouse. Sabia que a curadora fazia parte dos bons da fita. Apesar da ocupação mercenária que mantinha, distanciara-se sempre. Tal como ele, admirava a beleza, o milagre da genialidade dos mestres clássicos. E esse facto, associado à urgência e teatralidade com que se dirigira à imprensa, juntamente com as ligações pessoais à Academia Real das Artes de Londres, deixavam-no preocupado. Algo se passava, algo que ele ainda não conseguira compreender totalmente. Isso angustiava-o.

Arthur passou rapidamente os olhos pela notícia. Dividia-se em duas partes. A primeira consistia numa curta entrevista ao casal que guardava as chaves da Igreja de Santo Ambrósio, em Ponte Capriasca. A senhora referia que nessa noite sonhara com flores da paixão, um símbolo da crucificação de Jesus Cristo, o que ela interpretava como um mau augúrio para os tempos vindouros. De seguida, eram referidos os avistamentos, que continuavam a surgir em catadupa desde o anúncio da recompensa. Eram todos pistas falsas.

Um homem na Holanda afirmava ter visto o quadro no interior de um barco ancorado num dos canais. Era uma impressão de alta qualidade, além de consideravelmente mais pequena. Duas norte-americanas que estavam temporariamente no Japão a lecionar Inglês também eram citadas. Um dos alunos, um excêntrico colecionador de arte, convidara-as para um *cocktail* no seu apartamento e dissera-lhes estar na posse de um dos quadros.

Arthur, nascido e criado em Londres, um britânico convicto, julgava que a sintaxe das duas professoras deveria ser tão má quanto

a visão. Após dias de uma diplomacia torturante, um inspetor dos *Carabinieri* voou contrariado para Tóquio. Foi recebido por um homem de robe. Segurava no colo um caniche de pelo tufado e tinha pendurado na parede da sala um desenho que comprara *online* e pintara seguindo os números.

O investigador reformado fitou a grande imagem de *A Última Ceia* que encerrava a peça. Mostrava a versão original de Leonardo num estado de degradação lamentável, apesar do restauro recente. Os olhos claros do homem brilharam com grande intensidade, tornando-se húmidos. Sentia uma dor no peito e uma vontade imensa de chorar. O seu amor pela arte era profundo.

No tempo livre que a carreira lhe deixara, independentemente da cidade em que se encontrasse, visitara museus, reconhecendo entre as coleções velhos amigos. Em Madrid, *O Autorretrato com Luvas* de Dürer. No Hermitage de São Petersburgo, *O Sacrifício de Abraão* de Rembrandt. E na Galeria Nacional de Londres, a lista era interminável. Não havia maior prazer do que começar pelo *Salvatore Mundi* de Leonardo.

Comovido, Arthur fechou o jornal. Sabia que havia ali mais do que era relatado por aquelas palavras impressas. Dois homens disfarçados de polícias não tinham roubado apenas duas cópias da obra-prima de Da Vinci. Em ambas as ocasiões haviam ido bem além disso. Deixaram um recado.

O ex-investigador retirou do bolso interior do casaco um papel dobrado. Por causa dele fora a Paris, de onde acabava de chegar depois de ter-se encontrado lá com um contacto bem colocado.

Os dedos trémulos e manchados pela doença desdobraram a fotocópia. Tanto na Abadia de Tongerlo, como na igreja de Ponte Capriasca, um envelope de papel prístino fora encontrado entre os despojos de tela e tinta caídos no chão. O interior continha um pequeno cartão de aspeto igualmente envelhecido, com uma mensagem datilografada na frente e no verso. Era um postal.

O rosto dizia:

Obrigado pela pobre segurança. Vemo-nos dentro de um ano.

G.

A assinatura e a referência temporal eram uma alusão óbvia à mais importante das três cópias existentes de *A Última Ceia*, o Giampietrino, um registo ímpar, vívido e magnífico da glória do original, agora desvanecido. A data do roubo não fora inocente. Um ano depois, após mais de duas décadas de clausura por empréstimo a um colégio em Oxford, o quadro a óleo sobre tela do discípulo de Leonardo iria regressar à ribalta. Seria cabeça de cartaz na nova exposição que estava a ser preparada pela Academia Real das Artes de Londres, a legítima proprietária da peça. Catherine Waterhouse era casada com o presidente da instituição, Richard Waterhouse. Daí o interesse peculiar da curadora no caso.

Mas não era a ameaça implícita — o facto de os ladrões prometerem repetir o feito — aquilo que mais incomodava Arthur Miller. A façanha, a ser conseguida, seria memorável, pois uma coisa era roubar um quadro de uma capela no meio dos Alpes, outra bem diferente seria tirá-la das barbas da respeitadíssima e ainda mais segura academia londrina. O mediatismo de tal golpe seria imensurável.

O homem viu surgir adiante uma rapariga de pele escura, com olhos grandes e um cabelo negro e sedoso preso numa trança. A sua razão de viver viera buscá-lo. Comovido, aproveitou os últimos momentos de solidão e voltou a pegar no cartão, intrigado. Não conseguia deixar de pensar no poema enigmático que fora deixado escrito no verso.

Eu fi-lo por amor

E por dever

E por vingança

Pinceladas cúmplices

Que não desapareceram



* A companhia dos livros.

Benedetta foi invadida pela estranheza assim que chegou ao interior do santuário. Uma cena que não conseguiu compreender imediatamente estava pintada perante os seus olhos.

Encontrou Jacopo sentado num dos bancos, de lado para o altar. Tinha as mãos atadas, o rosto ligeiramente ferido, o bigode ranhoso e os olhos a transbordarem de infelicidade.

Bem à frente do homem, na grande parede lateral, via-se uma moldura vazia.

A mulher sentiu-se desfalecer ao compreender finalmente o que acontecera.

— *Il Cenacolo!* — gritou ela, horrorizada.

Um crime hediondo acabara de ser cometido. A beleza fora corrompida.

Alguém roubara *A Última Ceia*.



A full-page photograph of Nuno Nepomuceno, a man with short dark hair, wearing a dark suit and a white shirt. He is leaning against a large, textured red wall. In the background, a large, colorful abstract painting is visible on the wall. The floor is a light-colored, polished surface.

NUNO NEPOMUCENO

Nasceu em 1978. Revelado através do Prémio Literário Note! 2012, é autor da trilogia *Freelancer* e de obras como *A Célula Adormecida*, ou *Pecados Santos*, publicado pela Cultura Editora em 2018.

Representado pela Agência das Letras, já foi líder do *top* de vendas de livros em lojas como a Fnac, Bertrand, Wook, Google Play ou Amazon, transformando-se num dos escritores de policiais mais acarinhados em Portugal. *A Última Ceia* assinala o seu regresso ao *thriller* psicológico.

Para mais informações, consulte o *site* oficial do autor:
www.nunonepomuceno.com.

UMA NOTA ENIGMÁTICA É ENCONTRADA JUNTO
À MOLDURA VAZIA DE UM QUADRO FAMOSO.
O LADRÃO DEIXOU UM RECADO.
PROMETE REPETIR A FAÇANHA UM ANO DEPOIS.

De visita à igreja de Santa Maria delle Grazie em Milão, uma jovem mulher apaixona-se por um carismático milionário. Mas, quando alguns meses depois, é abordada por um antigo professor, Sofia é colocada inesperadamente perante um dilema. Deverá denunciar o homem com quem vai casar-se, ou permitir tornar-se cúmplice deste ladrão de arte irresistível?

Enquanto a intimidade entre o casal aumenta, um jogo de morte, do gato e do rato, começa. E aquilo que ao início aparentava ser um conto de fadas transforma-se rapidamente num pesadelo, ao mesmo tempo que um plano ousado e meticuloso é urdido para roubar a obra-prima de Leonardo da Vinci.

Requintado, intimista, inspirado em acontecimentos verídicos, *A Última Ceia* transporta-nos até ao enigmático mundo da arte. Passado entre Londres e Milão, habitado por uma coleção extraordinária de personagens, para as quais a ambição e fama se sobrepõem a qualquer outro valor, este é um *thriller* sofisticado de leitura compulsiva.

 infinito particular Aceleradora de Conteúdos	ISBN 978-989-8886-38-5		
			
 cultura * A companhia dos livros.	IP	CE	
	041	034	

